



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 08/02/19

GLOBAL.....	2
FAO: investigación demuestra que 86 por ciento de la alimentación animal no es comestible para el ser humano .....	2
BBC: cuáles son los principales consumidores de carne del mundo?.....	3
<b>BRASIL.....</b>	<b>4</b>
Mercado ganadero estabilizado.....	4
CEPEA: exportaciones iniciaron 2019 con un buen ritmo.....	5
AFTOSA:Brasil reduce dosis de vacunación a partir de mayo .....	5
Manual con orientaciones para su vacunación fue publicado.....	5
Ministra proyecta la auto-inspección con multas importantes en caso de fraude.....	6
Mato Grosso: costo por animal faenado más alto al resto del Brasil .....	6
<b>URUGUAY.....</b>	<b>7</b>
Japón habilitó 16 frigoríficos para importar carne vacuna desde Uruguay .....	7
Buscan actualizar datos sobre Brexit y cuota 481.....	7
Industrias frigoríficas preocupadas Insisten en conocer el protocolo sanitario firmado con China .....	8
La importación de carne vacuna llegó para quedarse .....	8
Ecografías revelan buenas preñeces .....	9
<b>ESTADOS UNIDOS .....</b>	<b>10</b>
Proyección de CattleFax Outlook: Terminado el efecto El Niño mejoran las perspectivas .....	10
Aumentará la producción de carnes bovinas en 2019 .....	11
USMEF preocupado por el acceso a mercados.....	12
Exportaciones: publicaron con demora los datos del mes de NOVIEMBRE de 2018. ....	12
Ganaderos impulsan un acuerdo con JAPON.....	13
NCBA detalla prioridades de cara a la política sectorial .....	13
<b>EMPRESARIAS .....</b>	<b>13</b>
Uruguay: Frigorífico Salto fue habilitado para exportar carne vacuna a China.....	13
BRF vendió activos en Europa y Tailandia a americana Tyson Foods.....	14
Marfrig planta uruguaya habilitada para Japón .....	15
Fuerte alza en el valor de mercado de JBS, Marfrig y BRF .....	15



## GLOBAL

### **FAO: investigação demonstra que 86 por cento de la alimentación animal no es comestible para el ser humano**

04/02/19 - por Equipe BeefPoint Como o frenesi midiático causado por uma 'dieta da saúde planetária' proposta em um novo relatório de uma comissão EAT-Lancet continua (saiba mais sobre a dieta) , talvez seja oportuno lembrar que a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) recentemente fez uma pesquisa informando sobre o quanto de alimento (culturas comestíveis por humanos) é consumido pelo gado.

O relatório EAT-Lancet resume as evidências científicas de uma transição global do sistema alimentar para dietas saudáveis a partir da agricultura sustentável. O relatório conclui que uma mudança global em direção a uma dieta composta de grandes quantidades de frutas, vegetais e proteínas vegetais e pequenas quantidades de proteína animal poderia catalisar a realização de ambos os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o marco 2015 Acordo de Paris para combater as alterações climáticas.

Anne Mottet, oficial de desenvolvimento pecuário da FAO especializada em eficiência no uso de recursos naturais e mudanças climáticas, informa sobre as informações incorretas, embora amplamente difundidas, sobre a chamada "competição de alimentos para animais".

O que sua pesquisa mostra?

O que a maioria dos rebanhos de gado no mundo mais come é pasto e outras forragens e "resíduos" de culturas e subprodutos.

O que a maior parte do gado no mundo não come em sua maioria é adequado para consumo humano.

Confira abaixo artigo divulgado pela FAO:

Em 2050, o mundo contará com 9,6 bilhões de pessoas, 70% vivendo em cidades com uma renda média quase duas vezes maior do que hoje. Como resultado, a demanda global por produtos animais continuará crescendo e desempenhando um papel fundamental na segurança alimentar e nutricional global.

Mas a pecuária usa uma grande parte da terra agrícola e é frequentemente considerada um dreno de recursos. Particularmente criticada é a baixa eficiência do gado para converter a ração em proteína humana comestível e a competição pelo uso de cereais como ração animal ou para alimentação humana direta.

Um novo estudo da FAO publicado na Global Food Security descobriu que a pecuária depende principalmente de forragens, resíduos de colheitas e subprodutos que não são comestíveis para humanos e que certos sistemas de produção contribuem diretamente para a segurança alimentar global, pois produzem nutrientes mais valiosos para humanos, como proteínas, do que consomem.

"Eu percebi que as pessoas estão continuamente expostas a informações incorretas sobre a pecuária e o meio ambiente, que se repetem sem serem desafiadas, em particular sobre a alimentação do gado", disse Anne Mottet, Oficial de Desenvolvimento da Pecuária da FAO.

"Atualmente, não existe um banco de dados internacional oficial e completo sobre o que o gado come. Este estudo contribui para preencher essa lacuna e fornecer evidências revisadas por pares para melhor informar os formuladores de políticas e o público".

As fontes de alimento animal são uma contribuição vital para a nutrição global e são uma excelente fonte de macro e micronutrientes. Os produtos pecuários representam 18% das calorias globais, 34% do consumo global de proteínas e fornecem micro-nutrientes essenciais, como vitamina B12, ferro e cálcio.

O gado usa grandes áreas de pastagens onde nada mais poderia ser produzido. Os animais também contribuem para a produção agrícola através da produção de estrume e do poder da seca. Além disso, a criação de gado fornece uma fonte segura de renda para mais de 500 milhões de pessoas pobres em muitas áreas rurais.

Este estudo determinou que 86% da alimentação animal não é adequada para consumo humano. Se não for consumido pelo gado, os resíduos e subprodutos da colheita podem rapidamente se tornar um fardo ambiental à medida que a população humana cresce e consome mais e mais alimentos processados.

Os animais também consomem alimentos que poderiam ser comidos pelas pessoas. Grãos representam 13% do consumo mundial de matéria seca. Alguns estudos anteriores, frequentemente citados, colocam o consumo de grãos necessários para produzir 1 kg de carne bovina entre 6 kg e 20 kg. Ao contrário destas estimativas elevadas, este estudo concluiu que são necessários, em média, apenas 3 kg de cereais para produzir 1 kg de carne a nível mundial.

O estudo também mostra diferenças importantes entre sistemas de produção e espécies. Por exemplo, porque dependem de pastagens e forragens, o gado precisa apenas de 0,6 kg de proteína de alimento comestível para produzir 1 kg de proteína no leite e na carne, que é de maior qualidade nutricional. O gado, portanto, contribui diretamente para a segurança alimentar global.

O estudo também investiga o tipo de terra usada para produzir ração animal. Os resultados mostram que dos 2,5 bilhões de hectares necessários, 77% são pradarias, com uma grande parcela de pastagens que



não poderiam ser convertidas em terras cultiváveis e, portanto, só poderiam ser usadas para pastagem de animais.

A produção de gado está crescendo rapidamente, porque a demanda por produtos de origem animal está aumentando, particularmente nos países em desenvolvimento. A FAO estima que precisaremos de 70% a mais de produtos de origem animal até 2050 para alimentar o mundo. Portanto, a área de terra necessária para criar animais também aumentará se as taxas de conversão alimentar (TCA) não forem melhoradas.

Passos já foram dados através de formulação de rações, seleção genética e melhores serviços veterinários para melhorar as taxas de conversão alimentar nos últimos 30 anos. Uma conversão alimentar melhorada (mais eficiente) também reduzirá a pegada ambiental da pecuária, mas o progresso contínuo é necessário para tornar o sistema mais sustentável. Além disso, é essencial melhorar a reciclagem de resíduos alimentares e subprodutos na alimentação animal, bem como aumentar a produção de alimentos para animais.

“A produção animal, em suas muitas formas, desempenha um papel integral no sistema alimentar, fazendo uso de terras marginais, transformando co-produtos em bens comestíveis, contribuindo para a produtividade das culturas e transformando colheitas comestíveis em alimentos altamente nutritivos e ricos em proteínas. Quantificar os recursos de terra e biomassa envolvidos na produção pecuária e a produção de alimentos que eles geram, mas também melhorar nossa capacidade de modelagem incluindo tendências nas preferências do consumidor, mudanças nas espécies animais, impactos das mudanças climáticas e processos industriais para melhorar a comestibilidade humana de certos alimentos materiais é, indiscutivelmente, informação básica necessária como parte de pesquisas adicionais sobre o desafio de alimentar de forma sustentável 9,6 bilhões de pessoas até 2050”, concluíram os autores.

### **BBC: cuáles son los principales consumidores de carne del mundo?**

Oxford Martin School 4 February 2019

You may have heard an increasing number of people vow to reduce their meat eating lately - or cut it out altogether.

This often forms part of a bid to become healthier, reduce their environmental impact, or consider animal welfare.

A third of Britons claim to have either stopped eating meat or reduced it, while two thirds of those in the US say they are eating less of at least one meat.

This trend is partly thanks to initiatives such as Meat-free Mondays and Veganuary. At the same time, a number of documentaries and high-profile advocates of veganism have highlighted the potential benefits of eating less meat.

But have these sentiments had any effect on the ground?

Rising incomes

What we do know is that global meat consumption has increased rapidly over the past 50 years.

Meat production today is nearly five times higher than in the early 1960s - from 70 million tonnes to more than 330 million tonnes in 2017.

A big reason for this is that there are many more people to feed.

Over that period the world population more than doubled. In the early 1960s there were around three billion of us, and today there are more than 7.6 billion.

While population is part of the story, it doesn't entirely account for why meat production increased five-fold.

Another key factor is rising incomes.

Around the world, people have become richer, with the global average income more than tripling in half a century.

When we compare consumption across different countries we see that, typically, the richer we are the more meat we eat.

There are not just more people in the world - there are more people who can afford to eat meat.

Calculate your diet's carbon footprint

Fast food giants under fire on climate and water usage

Who eats the most meat?

We see a clear link with wealth when looking at patterns of meat consumption across the world.

In 2013, the most recent year available, the US and Australia topped the tables for annual meat consumption. Alongside New Zealand and Argentina, both countries topped more than 100kg per person, the equivalent to about 50 chickens or half a cow each.

In fact, high levels of meat consumption can be seen across the West, with most countries in Western Europe consuming between 80 and 90 kilograms of meat per person.

At the other end of the spectrum, many of the world's poorest countries eat very little meat.

The average Ethiopian consumes just 7kg, Rwandans 8kg and Nigerians 9kg. This is 10 times less than the average European.

For those in low-income countries, meat is still very much a luxury.



These figures represent the amount of meat per head available for consumption, but do not account for any food wasted at home or on the shop floor. In reality, people eat slightly less meat than this, but it's still a close estimate.

Middle-income countries driving the demand for meat

It is clear that the richest countries eat a lot of meat, and those on low incomes eat little.

This has been the case for 50 years or more. So why are we collectively eating so much more meat?

This trend has been largely driven from a growing band of middle-income countries.

Rapidly growing nations like China and Brazil have seen significant economic growth in recent decades, and a large rise in meat consumption.

In Kenya, meat consumption has changed little since 1960.

By contrast, the average person in 1960s China consumed less than 5kg a year. By the late 1980s this had risen to 20kg, and in the last few decades this has more than tripled to over 60kg.

The same thing happened in Brazil, where meat consumption has almost doubled since 1990 - overtaking almost all Western countries in the process.

India is one notable exception.

While average incomes have tripled since 1990, meat consumption hasn't followed suit.

It is a misconception that the majority of India is vegetarian - two thirds of Indians do eat at least some meat, according to a nationwide survey.

Nonetheless, the amount of meat consumed in India has remained small. At less than 4kg per person, it is the lowest in the world. This is likely to be partly down to cultural factors for some in India, including not eating certain types of meat for religious reasons.

Is meat consumption falling in the West?

Many in Europe and North America say they are trying to cut down on meat, but is it working?

Not really, according to statistics.

Recent data from the United States Department for Agriculture (USDA) suggests meat consumption per head has actually increased over the last few years.

While we may think that meat is becoming less popular, US consumption in 2018 was close to its highest in decades.

It's a similar picture with meat consumption in the EU.

While Western consumption of meat is steady, or slightly increasing, the types of meat eaten are changing.

This means less red meat - beef and pork - and more poultry.

In the US, poultry now accounts for half of meat consumption, up from a quarter in the 1970s.

These types of substitution could be good news for health and the environment.

Moderate quantities of meat and dairy can improve people's health, particularly in lower-income countries where diets may lack variety.

But in many countries, meat consumption goes far beyond basic nutritional benefits.

In fact, it could be a health risk. Studies have linked excess red and processed meat consumption with increased risk of heart disease, stroke and certain types of cancer.

Substituting chicken for beef or bacon could be a positive step.

This swap is also better for the environment as cows, in particular, are inefficient converters of feed to meat.

Compared to chicken, beef has anywhere in the range of three to 10 times as much impact on land use, water and greenhouse gas emissions. Pork is somewhere in between the two.

A future where meat consumption is sustainable and balanced across countries would require major changes.

This would mean not only a shift in the types of meat we eat, but also how much.

Essentially, meat would have to become more of a luxury again.

## **BRASIL**

### **Mercado ganadero estabilizado**

PORTAL DBO 08/02/2019 Oferta de gado terminado tem sido suficiente para abastecer a demanda na maior parte das regiões

No fechamento desta quinta-feira, 7 de fevereiro, os preços se mantiveram nas mesmas bases na maioria das praças pecuárias. O consumo está aquém do esperado e a oferta de animais terminados está equilibrada com a demanda na maior parte das regiões.

Nas praças pecuárias onde a oferta está pior, as indústrias encontram dificuldade em alongar as escalas de abate, e, apesar do consumo calmo, esse quadro pressionou para cima as cotações em quatro regiões.



Em São Paulo, por exemplo, a arroba subiu R\$0,50 na comparação diária, o que representa alta de 0,3%. As programações de abate atendem, em média, cinco dias.

No Norte de Minas Gerais, a dificuldade em adquirir boiadas refletiu em valorização de 0,7% frente ao fechamento anterior.

No mercado atacadista a cotação da carne subiu, descolando do mercado físico do boi. O boi casado de animais castrados ficou cotado, em média, em R\$10,17, alta de 1,5% na comparação dia a dia.

### **CEPEA: exportaciones iniciaron 2019 com um buen ritmo**

07/02/19 - por Equipe BeefPoint Os embarques de carne bovina in natura registraram boa performance no primeiro mês do ano, cenário que colaborou para a sustentação dos valores da arroba no mercado brasileiro, de acordo com pesquisadores do Cepea.

Em janeiro deste ano, o volume total de carne embarcada foi de 102,4 mil toneladas, elevação de 2,9% na comparação com o mesmo mês de 2018, segundo informações da Secex. A receita, porém, recuou no mesmo período, 9,84% (Secex).

No mercado interno, dados do Cepea indicam que, no acumulado de janeiro, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo recuou apenas 0,07%, fechando a R\$ 153,30 no dia 31.

### **AFTOSA:Brasil reduce dosis de vacunación a partir de mayo**

Brasil reduce dosis de vacunación contra la aftosa a partir de mayo

07 de febrero de 2019 Elaborado en base al Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento de Brasil A partir de mayo, la mayoría de los estados brasileños reducirán la dosis de vacunación contra la fiebre aftosa de 5 ml a 2 ml en la primera etapa de vacunación según informó el Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento brasileño (Mapa). En Uruguay

Sólo en los estados Acre, Espírito Santo y Paraná la dosis se aplicará sólo en animales jóvenes (de hasta 24 meses de edad). El estado de Amapá, debido a sus condiciones peculiares, realiza la vacunación anualmente solamente en el segundo semestre. El cambio de dosis está previsto en el Programa Nacional de Erradicación y Prevención de la Fiebre Aftosa (PNEFA), que deberá culminar con la retirada total de la vacunación en el país prevista para 2021.

Diego Viali dos Santos, jefe de la División de Fiebre Aftosa y otras Enfermedades Vesiculares (Difa) del Mapa, explicó que con la reducción de la dosificación, ocurren menos reacciones en los animales (huesos, hinchazón).

En Uruguay: el 15 de febrero se abrirá un nuevo periodo de vacunación que se extenderá hasta el 15 de marzo (ver nota). Las vacunas procedentes de laboratorios de Argentina, Brasil y Colombia son de 2 ml, pero quedan sobrantes de 3 ml.

### **Manual con orientaciones para su vacunación fue publicado**

08/02/19 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) publicou nesta quinta-feira (7) o manual “Orientações para fiscalização do comércio de vacinas contra a febre aftosa e para controle e avaliação das etapas de vacinação”. O objetivo é criar padrões para manter a qualidade das vacinas produzidas no país, aumentando a eficiência na imunização dos rebanhos.

O manual é dirigido aos serviços veterinários, revendedores e criadores, que devem seguir as normas previstas. A versão, digital, de 41 páginas, é resultado de atualização da primeira edição que foi publicada em 2005.

Segundo o auditor fiscal agropecuário da Divisão de Febre Aftosa e Outras Doenças Vesiculares (Difa), Luiz Cláudio Coelho, “a fiscalização do comércio de vacinas contra a febre aftosa é de responsabilidade do Serviço Veterinário Oficial (SVO), para cumprimento do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA)”.

Ele explica que todas as vendas de produtos de uso veterinário só podem funcionar se estiverem registradas e licenciadas pelo Ministério. Para obtenção da licença do estabelecimento junto ao Ministério, o interessado deve acessar o site [www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br), no link SISTEMAS, localizar Sistema Integrado de Produtos e Estabelecimentos Agropecuários (SIPEAGRO) e inserir as informações solicitadas.

Controle

No caso das indústrias produtoras de vacinas, durante todo o processo de fabricação, são realizados testes de comprovação da inativação do vírus e para controle de esterilidade da vacina, além da avaliação da integridade da emulsão (mistura). Todos esses testes são repetidos pelo Ministério em seu laboratório, (Lanagro) localizado no Rio Grande do Sul. Atualmente, só pode ser utilizada a vacina inativada, bivalente, formulada com as cepas virais A24 Cruzeiro e O1 Campos.

Os laboratórios que produzem vacinas são submetidos anualmente a inspeções e avaliações do MAPA para verificação do cumprimento das condições de biossegurança e de boas práticas de fabricação. A





partida (lote) de vacina, passando por todos os testes, é aprovada e liberada para comercialização. Do contrário, toda a partida é destruída.

A selagem (colocação do selo holográfico, que garante que o produto foi testado oficialmente) é feita sob a supervisão do Ministério, que também confere e registra o número de frascos liberados à comercialização. Após o controle e a anotação das quantidades, as partidas são liberadas para venda. A Central de Selagem disponibiliza para o Mapa e aos Serviços Veterinários Estaduais (SVE) as informações referentes ao total e ao destino das vacinas comercializadas.

A vacina contra a febre aftosa deve ser conservada sob refrigeração (temperatura entre 2 e 8°C). Apresenta prazo de validade de 24 meses sendo comercializada em embalagens de 15 e 50 doses.

O parque industrial de produção de vacinas contra a febre aftosa tem capacidade para atender à demanda das etapas de vacinação no país, exportar vacinas para outros países da América do Sul e manter um estoque regulador de abastecimento.

### **Ministra proyecta la auto-inspección con multas importantes en caso de fraude**

05/02/19 - por Equipe BeefPoint Ao mesmo tempo em que prepara um projeto de lei para ampliar o sistema de autoinspeção em agroindústrias, o Ministério da Agricultura quer propor ao Congresso multas mais pesadas para punir eventuais fraudes.

Os dois planos estão em estágio avançado de gestação no Ministério da Agricultura, mas poderão demorar mais que o previsto para saírem do papel por causa da reforma da Previdência, que tende a concentrar as atenções do Congresso ao menos pelos próximos dois meses.

“Vai depender da agenda de reformas estruturantes. Não dá para mandar um tema polêmico junto com a Previdência. Não é uma coisa para acontecer agora, mas temos que ir preparando. O brasileiro precisa entender que cada um tem sua responsabilidade e tem que pagar por ela. Não pode ser tudo nas costas do governo”, disse a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, ao Valor.

Enquanto aguarda o momento certo, o ministério estuda se vai incluir em um mesmo projeto o autocontrole e as multas ou se fará isso de maneira separada.

Em linhas gerais, a ideia é resgatar uma Medida Provisória editada pelo governo de Michel Temer em 2017, que aumentou de R\$ 15 mil para até R\$ 500 mil o valor máximo das multas cobradas sobre indústrias de produtos de origem animal como carnes, lácteos, pescado, ovos e mel.

A MP foi uma das promessas do então ministro da Agricultura, Blairo Maggi, em resposta à Carne Fraca, operação da Polícia Federal que revelou um esquema de corrupção entre fiscais federais e funcionários de frigoríficos. Mas o Congresso Nacional não a aprovou e a lei caducou, após grande pressão das empresas, sobretudo da área de carnes.

O Valor apurou que, por causa disso, o ministério ainda enfrenta dificuldade em julgar as multas aplicadas com valores maiores durante os quatro meses em que a MP vigorou antes de caducar.

Agora, a intenção da ministra Tereza Cristina é recorrer à “mão pesada” do Estado na aplicação das multas também a outras agroindústrias que inicialmente ficariam fora do alcance das novas regras, como fábricas de ração, fertilizantes e bebidas.

Tereza garante que, no caso dos frigoríficos, a regulamentação do autocontrole não envolverá as etapas anterior e posterior ao abate de animais. A presença permanente de auditores fiscais agropecuários para acompanhar esses processos é prevista em lei e condição exigida por países importadores nas negociações de abertura ou manutenção de mercados.

“Isso é uma questão de saúde pública e não vai ter autocontrole. Agora, se o produto está ruim, a empresa tem que fazer o quê? Tem que fazer como acontece nos Estados Unidos, onde é cheio de recall”, completa a ministra.

### **Mato Grosso: custo por animal faenado más alto al resto del Brasil**

05/02/19 - por Equipe BeefPoint Com a lei nº 10.818, de 28 de janeiro de 2019, que alterou as alíquotas do Fundo de Transporte e Habitação (Fethab), os pecuaristas mato-grossenses pagarão, a partir de fevereiro, R\$ 41,47, por animal abatido. O valor é mais que o dobro do que pecuaristas do estado vizinho Mato Grosso Sul contribuem atualmente: R\$ 18,20.

Em uma comparação com outros estados produtores, a diferença da taxa cobrada dos mato-grossenses é ainda maior. Em Goiás, por cada animal abatido paga-se R\$ 7,30. Já no Paraná esse valor é ainda menor, sendo R\$ 4,30, por animal, e no Pará o custo de abate é de apenas R\$ 3,40.

“Nossa competitividade ficou completamente prejudicada. O Governo não levou em consideração o fato de todas as demais contribuições que já arcamos na pecuária. Além disso, temos um custo de produção que só cresce a cada ano. A conta não vai fechar nos próximos meses e sequer a longo prazo. Fizemos de tudo para mostrar ao atual Governo como a cadeia produtiva da pecuária seria prejudicada com essa alteração na lei, mas foi em vão. Apesar de não ter ocorrido a unificação do Fethab 1 com o Fethab 2, os produtores vão trabalhar no limite ao longo destes quatro anos”, avalia o presidente da Acrimat, Marco Túlio Duarte Soares, se referindo às mudanças propostas pelo setor ao longo do último mês.



O valor que passará a valer se refere ao novo Fethab e a todas as contribuições que já são pagas pelos produtores: Guia de Transporte Animal (GTA), Fundo de apoio ao desenvolvimento da bovinocultura (FABOV) e ainda o Fundo Emergencial de Saúde Animal do Estado de Mato Grosso (Fesa), sendo R\$ 5,56, R\$ 1,75 e R\$ 2,19, respectivamente.

Antes da aprovação da lei, os pecuaristas já contribuíam com R\$ 31,58, entre Fethab 1 (R\$15,79) e Fethab 2 (R\$ 15,79), além das demais taxas. No entanto, para exportações da carne e para animal em pé não havia cobrança do Fethab.

Conforme o projeto inicial apresentado pelo governador Mauro Mendes e sua equipe econômica, além da unificação entre os dois Fundos com o valor de R\$ 41,70, também passaria a ser cobrado R\$ 0,17 por quilo de carne desossada e outros R\$ 0,08 por quilo de carne com ossos e miúdos. Outra situação apresentada pelo governo foi a cobrança de R\$ 41,70 de Fethab sobre animais em pé, por cabeça.

“Ainda conseguimos, com muita articulação e apresentando os impactos negativos, com que o valor da carne desossada, com osso e de miúdos ficasse em R\$ 0,04. O Fethab não foi unificado e assim pagaremos pelos dois, por quatro anos, R\$ 31,97. Sobre o animal em pé, conseguimos com que ficasse em R\$ 31,97 e não os R\$ 41,70. Somando-se a isso as demais contribuições. Agora, causa indignação a destinação desses recursos do Fundo, que o Governo deixou claro que irá investir apenas 30% em infraestrutura. O setor já adiantou que irá acompanhar, fiscalizar e cobrar esse retorno”, afirma o presidente da Acrimat.

Mesmo sendo o maior produtor de gado do país, em Mato Grosso, segundo dados do Instituto Matogrossense de Economia Agropecuária (Imea), mais de 80% dos pecuaristas do Estado possuem até 290 cabeças de gado. Os dados mostram como a cadeia é formada, em sua maioria, por pequenos produtores e que serão diretamente atingidos pelas medidas anunciadas.

## URUGUAY

### **Japón habilitó 16 frigoríficos para importar carne vacuna desde Uruguay**

07/02/2019 - Uruguay es el primer país en ingresar a Japón con un estatus sanitario de libre de aftosa con vacunación.

El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech, confirmó a Rurales El País que Japón envió ayer un documento con la habilitación de 16 frigoríficos para iniciar los negocios de exportación de carne vacuna al país asiático. “Es una gran alegría porque es una meta que se logra”, resaltó.

Uruguay pasó a ser el primero en ingresar a Japón con un estatus sanitario de libre de aftosa con vacunación. Según Enzo Benech, la apertura resulta una “excelente carta de presentación”, que tiene como pilar fundamental “a la trazabilidad ganadera”.

El Ministro de Ganadería aseguró que el brote de aftosa que “golpeó fuerte” a Uruguay a principios de este siglo, desafío a todos los actores de la cadena “a buscar mecanismos que nos permitan tener logros como los que estamos festejando”.

Para el presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay y CEO de Grupo Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco, la comunicación de Japón “es una muy buena señal” que “ahora nos desafía a ponernos los zapatos y salir a la cancha”.

Secco dijo que la habilitación es para exportar “carne sin hueso enfriada y congelada” que se puede colocar “en cortes o bloques”, además se validó “galpones de frío y plantas de carne procesada, siempre que sea con la misma materia prima habilitada”.

### **Buscan actualizar datos sobre Brexit y cuota 481**

02/02/2019 Delegación uruguaya viaja el lunes a Londres y Bruselas.

La salida del Reino Unido de la Unión Europea, conocida como Brexit y la Cuota 481, destinada a carne bovina de alta calidad, para ganados terminados a granos los últimos 100 días previos a la faena, son dos temas que preocupan a Uruguay.

Por eso, el próximo lunes, una delegación uruguaya, encabezada por el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, Ricardo Reilly en representación de ARU y Gastón Scayola por la industria, impulsarán una serie de contactos en Bruselas y Londres, buscando recabar información sobre ambos temas.

En principio, según confirmó Stanham, “no hay novedades” acerca de la Cuota 481”. Ese cupo nació en el litigio de la carne con hormonas entre Estados Unidos y la Unión Europea y posteriormente se abrió a terceros países, entre los que está Uruguay como un fuerte abastecedor.

Los productores de Estados Unidos la reclaman para sí, porque quieren tener mayor participación en los embarques de carne cada trimestre, pero también los terceros países -como es el caso de Uruguay y Australia- no quieren perderla y se alinean para ver cómo pueden pelearla en caso de que, en un futuro, haya cambios.



En principio, hasta mitad de 2019 se podrá seguir exportando en el marco de este cupo, pero es una incógnita lo que pasará a partir del trimestre agosto, septiembre y octubre, por más que se presume que todo seguirá igual.

Remarcando que son contactos normales que desde INAC se hacen un par de veces al año, Stanham explicó a El País que “la idea es hablar con las contrapartes privadas de Australia, Europa y Reino Unido” y tener la oportunidad de “escuchar y levantar información” sobre ambos temas.

Entre los contactos también figuran los embajadores de Uruguay en Londres y Bruselas, que son los que están negociando permanentemente las mejoras de acceso a los mercados y detectando las amenazas que puedan complicar las ventas de productos uruguayos, entre los que la carne es fundamental.

Esta semana, el ministro de comercio de Australia, Simon Birmingham salió a trancar fuerte y advirtió que su país no verá con buenos ojos las modificaciones de ese cupo, si surgen novedades de la conversación entre Estados Unidos y Europa, donde circulan rumores desde hace algunos meses, que sostienen que Estados Unidos quedaría con un porcentaje fijo de ese cupo, compuesto por alrededor de 45.000 toneladas.

Brexit. En cuanto al Brexit, la información también es bastante confusa y a dos años y medio del referéndum donde el Reino Unido decidió salirse de la Unión Europea, todavía no está claro qué pasará.

El gobierno británico pasó mucho tiempo negociando un acuerdo de salida de la Unión Europea que el Parlamento británico rechazó días atrás por una contundente mayoría. Fueron 432 votos en contra y 202 a favor, considerándose la peor derrota para un gobierno británico desde la década de 1920.

La Unión Europea es uno de los mercados de alto valor para las carnes uruguayas, porque ahí se envían los cortes de mayor valor de la res (en bovinos y ovinos), pero sin hueso y con maduración.

A su vez, el Brexit también incidirá sobre las exportaciones de carne de los tradicionales abastecedores del mercado europeo. Los ganaderos irlandeses son fuertes productores de carne y manejan un fuerte lobby político que pesa mucho en el Reino Unido y tiene una amplia repercusión en el mercado europeo, saliendo beneficiados ante cualquier cambio que pueda darse en un destino de alto valor.

### **Industrias frigoríficas preocupadas Insisten en conocer el protocolo sanitario firmado con China**

05/02/2019 - Las industrias frigoríficas continúan preocupadas por el nuevo protocolo sanitario firmado con China en diciembre, y piden a las autoridades uruguayas que “no se firmen más protocolos”, que involucran a éstos, “sin nuestro consentimiento”, dijo a Rurales El País Daniel Belerati, presidente de la Cámara de la Industria Frigorífica (CIF).

Las gremiales de la industria frigorífica realizaron el planteo a la Junta del Instituto Nacional de Carnes (INAC) el pasado 4 de enero y prevén hacer lo mismo con el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP). Al no conocer los detalles del protocolo “somos lo que pagamos la boda”, dijo Belerati y agregó: “Hoy no puedo contestar si hay una cláusula o anexo que pueda determinar una nueva limitación para el país”.

A finales de diciembre pasado los frigoríficos se vieron obligados a dar retorno a 27 contenedores que incluían lengua, carne de quijada, carne de cabeza y labio, dado que China informó que los productos no iban a ingresar al país de acuerdo a lo firmado en el protocolo semanas atrás, detalle que no fue comunicado a los privados por las autoridades nacionales, según se explicó.

Belerati aseguró que “son muy pocas las personas que conocen el protocolo sanitario dentro del Ministerio” y “es una preocupación” porque “en el sector privado las cosas se planean, se proyectan y se calculan. Siempre mirando para adelante”. Además resaltó: “Cómo puedo manejar un negocio si mañana sale una noticia de un importador chino y tengo que salir a averiguar si perdí o no el negocio. Tiene que cambiar para que el sistema funcione bien”.

### **La importación de carne vacuna llegó para quedarse**

07 de febrero de 2019

La carne importada que aparecía ocasionalmente en algún supermercado de la capital ahora llega a todo el país, la devaluación de Brasil y Argentina y la competitividad de Paraguay fueron las que generaron el incremento de volumen importado.

Al cierre de 2018 se alcanzó el récord histórico de importación de 15.432 toneladas de carne vacuna por un total de US\$-CIF 59 millones, más del doble que las 6.430 toneladas que se habían comprado el año pasado.

En el primer mes del año, la tendencia parece mantenerse. Se importaron 1.357 toneladas de carne vacuna, 456 toneladas más (60%) que en enero del 2018 por un total de US\$-CIF 4,9 millones y 83 toneladas más o 7% respecto a diciembre. La carne vacuna viene mayoritariamente de Brasil (92%), aunque también algo de Paraguay (8%).

Jorge López, director de abasto Santa Clara dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural que existe la posibilidad de que en el invierno incremente la importación de carne vacuna si se da un invierno “tipo poszafra” con muy poco ganado o ganado muy caro.





"En Uruguay el mercado interno, tanto carnicerías como supermercados se han volcado a la vaquillona y se venden pocos novillos. La carne de vaquillona tiene buen color para armar una vitrina y es tierna", afirmó López.

"La importación de carne vacuna vino para quedarse. La carne que se importa es de igual calidad que la uruguaya y la relación de precios es buena. Hoy la carne uruguaya está al mismo precio que la importada", cerró López.

### **Ecografías revelan buenas preñeces**

03/02/2019 - Rodeo salió del anestro ayudado por el clima y promedio país debería subir frente a 2018

El clima sigue ayudando a preñar los ganados y todo hace pensar que será un año con promedios por encima de lo normal.

Los campos revientan de pasto y los vientres recuperaron condición corporal, logrando salir del anestro biológico que venían arrastrando los rodeos en varias zonas y especialmente en los departamentos del litoral, tras el golpe a la condición corporal que les dio el pasado invierno.

Las ecografías en ganado soltero e incluso en el rodeo de cría, están mostrando datos auspiciosos, pero todavía queda una parte del partido por jugarse. La ganadería, tanto a nivel de cría como en la invernada, es una actividad a cielo abierto y febrero será un mes crucial para mejorar aún más las preñeces, si el clima acompaña y cesa la ola de calor que los animales están sintiendo.

Los datos aportados por los veterinarios son alentadores y hacen pensar en arribar a un buen promedio país. Desde el norte, el veterinario Guillermo De Nava, uno de los referentes en el segmento de la cría y la reproducción contó a El País que en su caso, el monitoreo del entore abarcó 16 rodeos en los departamentos de Artigas, Salto, Paysandú, Tacuarembó y Cerro Largo, con un total de 13.397 vacas paridas evaluadas.

El profesional dijo encontrar un 31,3% de vacas en anestro -la vaca presenta celo regular cada 21 días-, de las cuales el 18,4% estaba en anestro profundo y 13,95 en anestro superficial. "Es el nivel de anestro más bajo de los últimos cuatro entores y este hallazgo de incidencia del anestro es similar al que se encontró en el entore 2014/15", contó De Nava. El veterinario confirmó a El País que fue mayor la incidencia del anestro para los departamentos del litoral que para Tacuarembó y Cerro Largo.

El monitoreo del entore es una herramienta aplicada por los veterinarios dedicados a la cría, donde entre otras cosas, se evalúa el estado fisiológico de las vacas paridas, generalmente en el comienzo del segundo mes de la estación reproductiva, buscando identificar aquellas vacas problema que generalmente no se preñan, para lograr que gesten un ternero. Es una foto de lo que está pasando en el rodeo que facilita la toma de decisiones.

Según explicó De Nava, la variación entre diferentes predios en la cantidad de vacas en anestro se puede explicar diciendo que el rango en la incidencia de las vacas que aún no habían ovulado al momento de la evaluación fue de solo 3,7% en la mejor situación a más de 86%, lo que da la pauta de lo difícil que es establecer decisiones para un rodeo en particular basado en los hallazgos promedios reportados por los diferentes veterinarios.

El veterinario recordó que el monitoreo del entore, que en su caso realiza desde hace 19 años, "requiere un trabajo de equipo en donde el personal de campo de las estancias juega un papel relevante. Para esta zafra en particular, las condiciones fueron muy desafiantes, complicaron la tarea o demoraban los accesos a los predios.

Contraste. El año pasado, los ganaderos padecieron otro año con preñeces caras. Es que para preñar las vacas se precisaron muchas medidas de manejo, como destete precoz y temporario, que generan costos extra, pero son necesarias si se pretenden asegurar los terneros.

En 2018 el clima complicó bastante en el norte (la seca) y los rodeos reflejaron esa situación y esa menor condición corporal. El mismo veterinario había contado a El País que con casi 6.000 vacas evaluadas a través del monitoreo del entore en el segundo mes de servicios -en 12 predios bien diferentes-, se encontró "51% de vacas que no están presentando celo (anestro)". Si bien son datos parciales y también hay que tener en cuenta que en muchos de los establecimientos se empezó a medir las categorías más problemáticas, de Nava sostiene que "el anestro es grande. La mitad de las vacas no ovularon y los toros no las sirvieron. Cuando uno analiza el anestro, el componente anestro profundo fue muy importante el año pasado. En este caso se encontró un 32,2% de esas vacas evaluadas con problemas. Ese porcentaje es mayor al del año pasado", advirtió.

En el Este. A su vez, el veterinario Pablo Marinho, otro de los referentes para el sector de la cría que desarrolla su actividad mayoritariamente en Treinta y Tres y Cerro Largo, también dio datos auspiciosos.

El profesional aseguró que en vacas paridas hay muy buenos datos de preñez, especialmente en aquellas sometidas a Inseminación Artificial a Tiempo Fijo (IATF), pero prefirió no precisar cifras.

"Hace mucho que no teníamos estos datos tan buenos" y se jugó a que ese resultado "es producto de que las vacas están en buen estado corporal. La condición corporal y la comida es todo", afirmó Marinho.



Según los datos de las ecografías, en los ganados solteros y en los ganados paridos, “hay muy buen nivel de preñez. Hay mucho ganado ya preñado y los vientres que están en anestro van a salir fácilmente. Se augura un buen año, pero hay que recordar que la ganadería es una producción a cielo abierto”, advirtió el profesional.

Las pasturas ayudan mucho a que el ganado tenga buena condición corporal. “Diciembre y enero no fueron meses de verano, fueron más bien meses de primavera. El verano recién empezó ahora. Todo pinta muy lindo, los ganados están gordos, están comiendo bien, pero cuidado con el calor y con las malas jugadas climáticas”, afirmó.

Centro. A su vez, el veterinario Santiago Bordaberry, otro profesional que participa regularmente en el Taller de Diagnóstico de Gestación que organiza todos los años el INIA Tacuarembó, dijo haber visto “una evolución muy positiva frente a los primeros diagnósticos de actividad ovárica que hicimos temprano, en noviembre y diciembre, donde se veían muy poca proporción de vacas en anestro profundo, pero un porcentaje muy alto de vacas en anestro superficial”. Los mismos rodeos en enero “mostraron una evolución notoriamente favorable, con enormes diferencias entre zonas y sobre todo con manejos invernales”, reconoció.

En ese sentido, Bordaberry explicó que los rodeos que pasaron mal el invierno, “que los que pasaron bien, la primavera buena sacó los ganados del anestro fisiológico y les dio un buen porcentaje de celos que se ve en preñeces en los diagnósticos de actividad ovárica”.

Agregó que en la otra vereda, es decir, los rodeos que pasaron mal el invierno, “la primavera arregló ese déficit y ahora el verano bueno, está recuperando los ganados y haciéndolos ciclar. Me parece que ahora con un poco más de diagnósticos hechos, con más ganados pasados, vemos una evolución positiva a favor de buenas preñeces”.

Según su punto de vista y el de otros veterinarios consultados, debería ser un año con un promedio de preñez por encima de lo normal.

El año pasado el promedio país fue 75,6% sobre un total de 410.428 vientres evaluados por los veterinarios. Para ser un año malo, no quedó tan lejos del de 2017, que había sido un poco mejor: 77,8% (datos Taller de Gestación de INIA Treinta y Tres 2018).

Hoy los campos de basalto están con buena cantidad de forraje cuando en un año normal el pasto escasea y está seco. A su vez, en los campos más estivales, el gran problema hoy es manejar el exceso de pasto. Los veterinarios “estamos más tranquilos hoy de lo que estábamos en diciembre”, aseguró Bordaberry.rurales, procreos, preñeces, ganadería, veterinarios

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Proyección de CattleFax Outlook: Terminado el efecto El Niño mejoran las perspectivas**

06 February 2019 - During the first half of 2019, the United States will see a shift away from El Niño conditions as equatorial ocean currents begin to cool into the summer, Art Douglas, Ph. D., professor emeritus at Creighton University, told the audience during the popular 2019 CattleFax Outlook Seminar held January 31 in New Orleans, Louisiana, USA.

The session, held as part of the 2019 Cattle Industry Convention and NCBA Trade Show, saw a capacity crowd as cattlemen and women gathered to hear expert market and weather analysis.

Douglas explained the developing trend will turn the eastern third of the United States drier, as the jet stream pushes moisture from the Gulf of Mexico across the southern tier of the nation. “After a cooler February, the United States will mostly enjoy a relatively mild spring with a reduced threat of delayed planting,” said Douglas. He pointed out that summer weather will be dependent on how quickly El Niño conditions fade.

“La Niña conditions are unlikely in the next eight months as the equatorial current shows only slow cooling,” said Douglas. “The residual warmth along the equator will lead to a wetter summer in the southern half of the U.S., while warm waters off the coast of Mexico will favor an active monsoon season in the Southwest.”

#### **Market Outlook**

Turning to the market outlook, CattleFax analyst Kevin Good said he expects prices will remain strong, with demand and the economy expected to remain solid.

“We’ve been on one heck of a good run for a few years and I expect that to continue into 2019,” said Good. “However, we expect to see margins begin to compress and leverage to shift from the cow-calf and stocker sectors to the feeder as we expand the supply of cattle.”

He said price risk remains over the next few years in response to the last five years of expansion. The beef cowherd expansion cycle is believed to be within 1-2 years of being complete.



“Cattle producers, on average, will receive a smaller percentage of the retail beef dollar as larger cattle supplies increase price pressure across all segments of the industry,” said Good. “Retail beef prices will likely see some inflation in 2019, but larger beef, pork and poultry production will be price limiting.”

However, domestic demand remains robust and higher wages and job growth are supportive of prices. CattleFax projects the all-fresh retail beef price to average \$5.73/lb., up \$.06 from year ago levels, while the composite cutout will rise \$4 to average \$216/hundredweight (cwt.) during 2019.

Going forward into 2020, economists see the potential for an economic slowdown, Good noted. “This may slow the benefits of recently strong consumer incomes and spending,” he said.

Fed cattle prices are expected to be steady during 2019, averaging \$117/cwt., with market resistance at the \$130-level and downside risk to \$100/cwt. at the low end of the trading range, according to Good. He said a larger supply of cattle outside of feedyards coupled with limited profitability in the feeding sector will hinder demand and pressure feeder cattle prices. CattleFax projects 750 lb. steer prices will range from \$130-\$160/cwt., with an average at \$147/cwt. for the year ahead.

“The relatively strong calf market we saw in 2018 will be under pressure this year,” said Good. “However, values in the spring should have the potential to reach the mid-\$180s. On the other hand, a larger calf crop and softer demand have the potential to erode prices to the \$140-level next fall, so there is certainly more price risk in feeder cattle and calves than in the fed cattle markets in 2019.”

#### Feed & Grain Prices

Feed and grain prices are expected to remain stable during the year ahead, with corn acreage increasing an expected 2 million acres to total 91 million acres and soybeans declining 2.2 million acres to 87 million and wheat gaining 1 million acres to total 49 million.

“Corn is expected to trade in a range of \$3.60 to \$4.10 per bushel during the first half of the year,” said CattleFax analyst Mike Murphy, who also pointed out that hay acreage isn’t expected to change significantly from 2018, but better winter precipitation across much of the United States should help provide a strong start to the 2019 hay crop.

Good explained that cull cow prices will have additional downside risk during the year ahead. “Years of expansion and poor operating margins in the dairy sector are generating more cull cows, which weighs on the markets,” he told the audience. “The additional supply and the limited packing capacity for non-fed cattle will result in a market which averages approximately \$55/cwt. during 2019, with a spring high near \$60/cwt. and a fall low in the lower \$40s.”

#### Global Trade Outlook

CattleFax analysts said the global trade outlook is currently supportive for the U.S. beef industry, with strong demand in many overseas markets. However, they note that trade disruptions could have significant impacts on the market outlook. Ratification of the pending U.S./Mexico/Canada (USMCA) agreement will be crucial to markets this spring. Likewise, the possibility of a bilateral trade agreement with Japan could create a positive upside to the market this year.

CattleFax CEO Randy Blach closed the session with a reminder about the importance of international markets to the beef industry.

“Long-term, the profitability of our industry is tied to trade,” he said. “We must have open markets and science-based trade standards for our products if we’re going to continue the run of profitability we’ve experienced in recent years.”

### **Aumentará la producción de carnes bovinas en 2019**

February 6, 2019 Drovers

With USDA data flowing again, the final numbers for 2018 will begin to emerge soon as well as current numbers for 2019. The annual Cattle report will be released after a one month delay in late February. The January Cattle on Feed report is scheduled to be released on February 22 with the February report to be released on March 8.

With all but the last few days of 2018 slaughter and carcass data available, 2018 beef production totals are nearly final. Total commercial beef production for 2018 is projected at 26.9 billion pounds, up 2.6 percent from one year ago and just fractionally smaller than the record U.S. beef production of 27.1 billion pounds in 2002. Beef production in 2019 is forecast at a record 27.4 billion pounds, up 1.8 percent year over year. Total beef production is likely to grow through 2020 at least.

Total cattle slaughter in 2018 was up 2.5 percent year over year with steer slaughter down 0.7 percent from 2017 and heifer slaughter up 6.5 percent year over year. Total cow slaughter was up 6.8 percent with dairy cow slaughter up 5.1 percent and beef cow slaughter up 8.6 percent year over year. Beef cow slaughter represented 9.5 percent of the herd inventory; a culling rate just equal to the long term average. Bull slaughter was down 0.4 percent year over year and calf (veal) slaughter was up 13.5 percent from 2017.

Steer carcass weights increased just two pounds year over year in 2018 to 880 pounds. This was a smaller increase than earlier projected. Heifer carcass weights increased five pounds year over year to 816



pounds. Heifer weights continue to increase relative to steers. In 2018, heifer carcasses averaged a record level of 92.7 percent of steer carcass weights. Cow carcasses averaged 645 pounds in 2018, up two pounds from 2017. Bull carcasses were down year over year by six pounds to 889 pounds. In 2018, steer carcass weights were 98.9 percent of bull carcass weights.

The modest increase in steer and heifer carcass weights relieves some of the earlier concern that relatively inexpensive feed would lead to even higher carcass weights. Data from Kansas suggests that feedlot cost of gain increased roughly 5 percent in 2018 but still remained attractive for cattle feeding. While feedlots have an incentive to keep feedlots full and the feed mill humming, larger cattle numbers with the recent herd expansion also gives feedlots an incentive to finish and market cattle in a timely manner and replace with new cattle. Feedlot ration costs are expected to remain close to current levels in 2019 while feedlot numbers will continue to expand, albeit more slowly. As long as feedlots maintain good marketing rates, beef production will continue to grow in 2019, but at a modest pace.

#### **USMEF preocupado por el acceso a mercados**

USMEF February 4, 2019 Drivers

For thousands of producers attending the Cattle Industry Annual Convention in New Orleans, the record pace of U.S. beef exports was a major topic of discussion and great source of industry optimism. For thousands of producers attending the Cattle Industry Annual Convention in New Orleans, the record pace of U.S. beef exports was a major topic of discussion and great source of industry optimism.

At the Cattlemen's College segment of the convention, U.S. Meat Export Federation President and CEO Dan Halstrom and Kent Bacus, director of international trade and market access for the National Cattlemen's Beef Association, led a breakout session titled, International Beef Trade - What Next?

But he cautioned that in order to maintain this strong momentum, a trade agreement with Japan is needed that will eliminate the widening tariff rate gap between Japan's imports of U.S. beef and its imports from Australia, Canada, Mexico and New Zealand.

Halstrom adds that ratification of the new U.S.-Mexico-Canada Agreement is also essential so that U.S. beef can continue to enter Mexico and Canada duty-free.

#### **Exportaciones: publicaron con demora los datos del mes de NOVIEMBRE de 2018.**

Drivers February 7, 2019 Beef exports totaled 112,842 metric tons (mt) in November, up 1% from a year ago, while value climbed 6% to \$709.2 million. At \$7.63 billion, beef export value was up 16% and has broken the full-year record set in 2017. ( Drivers )

Editor's note: November export data was released about one month later than usual due to the recent government shutdown. Year-end 2018 data is expected to be available in early-to-mid March.

U.S. beef exports continued on a record pace in November while pork exports trended lower year-over-year, according to statistics released by USDA and compiled by the U.S. Meat Export Federation (USMEF).

Beef exports totaled 112,842 metric tons (mt) in November, up 1 percent from a year ago, while value climbed 6 percent to \$709.2 million. For January through November, exports reached 1.24 million mt, up 8 percent year-over-year and 6 percent above the record pace of 2011. At \$7.63 billion, beef export value was up 16 percent and has already broken the full-year record set in 2017 (\$7.27 billion).

Beef export value per head of fed slaughter is also on a record pace, averaging \$322.97 in November (up 5 percent from a year ago) and \$320.72 during the first 11 months of 2018 (up 14 percent). Exports accounted for 13.1 percent of total November beef production and 10.9 percent for muscle cuts, both steady with November 2017. For January through November, exports equated to 13.4 percent of total production and 11.1 percent for muscle cuts – up from 12.8 percent and 10.3 percent, respectively, in 2017. These numbers highlight the strong international demand for U.S. beef as exports are accounting for a larger share of growing U.S. production and are fetching higher prices, with some U.S. cuts trading at record prices in Asia.

"2018 was truly a remarkable year for U.S. beef exports, which shattered previous records in both volume and value and reached new heights in several of our top markets," said USMEF President and CEO Dan Halstrom. "In the first half of the year, pork exports were also on a very positive trajectory but unfortunately U.S. pork has been heavily targeted for retaliation. We remain hopeful that these disputes can be resolved soon, so that U.S. pork can get back on a level playing field with its competitors."

Asian markets set pace, but beef export growth widespread

November was another strong month for U.S. beef exports to the key Asian markets of Japan, South Korea and Taiwan, while exports to the ASEAN region also increased sharply. For January through November, beef export highlights include:

Exports to leading market Japan were up 7 percent year-over-year in volume (306,603 mt) and 10 percent in value (\$1.93 billion). But market access to Japan is a major concern for the U.S. beef industry, as key competitors recently joined Australia in benefiting from an 11 percentage point tariff advantage through the Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership (CPTPP). U.S. beef remains





subject to the 38.5 percent tariff rate and to Japan's quarterly safeguard mechanisms. Competitors' tariffs will decline again on April 1, the start of the Japanese fiscal year. The Trump administration has announced its intention to negotiate a trade agreement with Japan, but formal negotiations have not yet begun.

U.S. beef has already shattered the previous yearly value record in Korea, with export value soaring 45 percent to \$1.6 billion, while volume was up 32 percent to 220,770 mt. Although Korea's imports from Australia and New Zealand also edged higher in 2018, U.S. market share increased significantly – reaching nearly 50 percent in volume and 56 percent in value. Through the Korea-U.S. Free Trade Agreement (KORUS), the duty rate on U.S. beef to Korea is 18.7 percent this year, down from 40 percent prior to implementation.

Exports to Taiwan were up one-third from the record totals posted in 2017, reaching 53,626 mt valued at \$495.7 million (a record for the sixth consecutive year). The U.S. holds more than 75 percent of Taiwan's chilled beef market, the highest of any Asian destination.

Beef exports to Hong Kong were lower year-over-year in volume (109,082 mt, down 4 percent), but export value still climbed 13 percent to \$865.3 million. Exports to China totaled 6,567 mt valued at \$55.1 million. U.S. beef regained access to China in mid-2017, making year-over-year comparisons difficult. But in the second half of 2018, export volumes to China were higher year-over-year in every month except September, and November exports reached a new monthly high of 890 mt, despite an additional 25 percent retaliatory duty.

Led by strong increases in the Philippines and Vietnam and slightly higher shipments to Indonesia, beef exports to the ASEAN region climbed 19 percent year-over-year in volume (45,255 mt) and 31 percent in value (\$252.4 million).

Although beef exports to Mexico were up just 1 percent year-over-year in volume (218,281 mt), export value to Mexico climbed 8 percent (to \$966.7 million) and will exceed \$1 billion for the first time since 2015. The hike in value reflects a strong year for beef muscle cut exports to Mexico, which increased 7 percent in volume (130,330 mt) and 11 percent in value (\$759.2 million).

### **Ganaderos impulsan un acuerdo con JAPON**

February 4, 2019 Trade talk is a big issue for everyone here at the convention and the focus isn't just on China. For another year, the priority remains the same, the cattle industry vocal they want a free trade deal with Japan.

AgDay's national reporter Betsy Jibben has more from the industry and what they need when it comes to trade in the future. She talks with Andrew Dorn, a farmer from Minden, Nebraska; Jackie Moore from Joplin, Missouri; Will Sawyer, an economist with CoBank; Dan Halstrom, the president and CEO of U.S. Meat Export Federation; Don Close, an economist with Rabo AgriFinance; Fred Wacker with the Montana Stockgrowers Association and Kevin Kester, president with the National Cattlemen's Beef Association.

### **NCBA detalla prioridades de cara a la política sectorial**

February 8, 2019 The National Cattlemen's Beef Association (NCBA) has put forth their policy priorities for 2019. A number of topic are being put at the top of the list including:

1. Fake Meat
2. Trade and Market Access
3. Dietary Guidelines
4. Regulatory Reform and Implementation

"Thanks to the dues-paying members of NCBA and our outstanding team in Washington, D.C., we've made a lot of good progress over the past couple of years," says outgoing NCBA President Kevin Kester. "But this is no time to rest on our laurels. There are many policy challenges still facing our producers, and these Policy Priorities will act as our roadmap over the coming year. I'd encourage my fellow producers who are not yet members of NCBA to join us in the important battles ahead."

## **EMPRESARIAS**

### **Uruguay: Frigorífico Salto fue habilitado para exportar carne vacuna a China**

04/02/2019 - La empresa aspira a aumentar la producción y alcanzar más mercados.

El pasado viernes se confirmó la habilitación de Frigorífico Salto (Somicar S.A.) para exportar carne vacuna y ovina a China. "Es una noticia que esperábamos con muchas ansias", destacó a Rurales El País Valentín Camejo, director de la compañía.

Camejo destacó la importancia de poder ingresar con los productos al mayor comprador de Uruguay: "Una cosa es trabajar con China y otra sin ellos. Trabajar con China te define la ecuación de la empresa, te cambia mucho el negocio".





En la actualidad, Frigorífico Salto cuenta con una lista general de mercados para vender sus productos, sumado otros destinos relevantes como Rusia y las islas del Caribe. “Siempre fue una limitante no tener el gran mercado (China) que consume todo el animal”, explicó y agregó: “Nos va a ayudar para no limitar la producción”.

La planta tiene con una capacidad de faena de 350 vacunos y/o 1600 ovinos diarios. Camejo dijo que, tras la apertura de China, podrían aumentar los volúmenes de producción. Además, aseguró que aspiran a lograr el ingreso a otros destinos como Estados Unidos, Europa y Japón.

### **BRF vendió activos en Europa y Tailandia a americana Tyson Foods**

07/02/19 - por Equipe BeefPoint A BRF fechou na madrugada desta quinta-feira a venda de suas operações na Tailândia e na Europa para a americana Tyson Foods, por US\$ 340 milhões (R\$ 1,3 bilhão). A transação foi anunciada às 5 horas pela Tyson.

Parte de um plano de venda de ativos que buscava arrecadar R\$ 3 bilhões, o negócio – que envolveu quatro fábricas no país asiático, uma na Holanda e uma no Reino Unido –, na prática representou um revés, já que a companhia não conseguiu atingir sua meta. No total, o plano de monetização da BRF, incluindo também medidas de capital de giro, buscava obter R\$ 5 bilhões.

Antes dos ativos vendidos à Tyson, a empresa já havia obtido pouco mais de R\$ 500 milhões com a venda das operações na Argentina e de uma fábrica de hambúrguer no Brasil.

Conforme o Valor apurou, um dos pontos que tornaram as negociações entre Tyson e BRF mais difíceis foi o impasse em torno da saída do Reino Unido da União Europeia (UE). A Tyson barganhou preço devido ao Brexit. Analistas consideram que as empresas de carne de frango do Reino Unido podem ser seriamente afetadas.

No caso dos ativos da BRF, o Reino Unido tinha relevância. Além de uma fábrica na região, a operação tailandesa é intrinsecamente vinculada ao Reino Unido. O volume de frango cozido produzido pela tailandesa Golden Foods Siam, controlada pela BRF, é quase que totalmente exportado para o território britânico por meio da distribuidora Universal Meats, também controlada pela BRF.

A BRF comprou a Golden Foods e a Universal Meats no início de 2016, pagando US\$ 410 milhões — sendo US\$ 360 milhões pela tailandesa. Ao vender os ativos à Tyson por US\$ 360 milhões, a BRF amargará uma perda contábil (não caixa) de ao menos US\$ 70 milhões (cerca de R\$ 260 milhões).

Ao receber menos o que esperava na venda das operações na Europa e Tailândia, a BRF terá de estender o prazo para atingir a meta de redução do índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda ajustado nos últimos doze meses) em seis meses.

Em meados do ano passado, quando anunciou o plano de R\$ 5 bilhões, a companhia anunciou a meta de atingir um índice de alavancagem pro forma de 3,35 vezes no balanço de 2018, que será divulgado em 28 de fevereiro.

No entanto, a empresa conseguiu R\$ 4,1 bilhões, sendo pouco menos de R\$ 2 bilhões com a venda de ativos. Em fato relevante, a BRF informou que o índice de alavancagem pro forma agora ficará em 5 vezes – em setembro, esse índice estava em 6,7 vezes.

Para o fim de 2019, a meta da empresa também foi alterada. Se antes do resultado final do programa de venda de ativos a empresa projetava atingir uma alavancagem de 3 vezes em 31 de dezembro deste ano, agora a meta é de 3,65 vezes.

No fato relevante, a BRF reiterou “o compromisso com a desalavancagem declinante e com o alongamento do seu endividamento”. Segundo a empresa, o caixa permanece robusto. No fim do ano, estava perto de R\$ 7 bilhões, o que dá conforto para a BRF seguir em sua reestruturação.

### **Tyson Faces Sluggish Sales as Meat Giant Expands With BRF Deal**

7 de febrero de 2019 09:49 ART Updated on 7 de febrero de 2019 On the same day that America's biggest meat company disappointed investors with sluggish sales, it showed them what it's doing about it: chasing greener pastures abroad.

Tyson Foods Inc. said low pork and chicken prices dragged down sales in the first quarter, according to a statement Thursday. To combat the lackluster market conditions, the meat giant has turned to deals to expand its global footprint and its offerings of value-added products, like chicken nuggets. Earlier in the day, Tyson said it was purchasing six facilities from Brazil's BRF SA for \$340 million, including operations in Asia and the U.K.

Shares of Tyson dropped 2 percent to \$59.67 as of 10:41 a.m. in New York.

It's getting harder to make money by selling commodity meat like Tyson did for so many years. A boom in U.S. production has dragged down prices for pork and chicken -- with little sign the trend will let up soon. At the same time, changing consumer tastes and lifestyles mean Americans want food that's perceived as healthier, easier to cook and increasingly, they want protein that comes from plants.

Tyson is refashioning itself to meet those demands by focusing on value-added products, such as pre-cut meats and prepared foods. It spent more than \$2 billion last year on Keystone Foods, expanding its



chicken-nugget offerings. The company is also looking more at alternative proteins. Tyson has stakes in Beyond Meat, a plant-based burger manufacturer, and Memphis Meats, a cultured-meat producer that's backed by Cargill Inc., Bill Gates and Richard Branson.

Shares drop amid sluggish meat markets

On a conference call Thursday to discuss earnings, Chief Executive Officer Noel White said the company The primary focus for upcoming deals will be on "value-added foods," White said on the call, while saying that international growth comes after.

Tyson's purchase of the BRF plants, comprising four poultry operations in Thailand and two prepared chicken plants in the U.K. and the Netherlands, is almost all "value-added," White said.

Tyson has held talks to buy closely held U.S. meat company Foster Farms for about \$2 billion, CNBC reported this week. Still, White said the company will be "very disciplined" with future acquisitions and that it's committed to the businesses it's already bought.

Foster Farms sells poultry products like seasoned chicken ts, ground turkey and frozen chicken nuggets and strips, according to its website. It also produces deli meats and frozen corn dogs.

The company said margins for its chicken business would be about 6 percent in 2019. That compares with 9.4 percent last year.

Tyson's "concession that the chicken segment will likely remain challenged by heavily supplied market conditions was a bit disappointing," said Ken Shea, an analyst at Bloomberg Intelligence.

While Tyson's sales missed estimates, earnings per share were \$1.58, compared with \$1.56 forecast by analysts. The company affirmed its guidance for the full fiscal year.

White pointed to Chinese demand for pork as a possible bright spot ahead. The Asian country is dealing with an outbreak of African swine fever, the deadly pig-disease that is forcing producers to cull herds. Some analysts have predicted that China will eventually be forced to import more pork to meet demand in the world's top consumer market. The outbreak could be even worse than what's being reported, White said, adding that Tyson wasn't including any potential benefit from African swine fever in its guidance.

The U.S. pork industry is currently contending with tariffs from China, amid the trade war between the nations. Tyson expects "sizeable upside" to its pork business if China returns to the American market, executives said on the call.

### **Marfrig planta uruguaia habilitada para Japón**

08/02/19 - por Equipe BeefPoint A Marfrig informou hoje que foi firmado um acordo sanitário entre Uruguai e Japão que permite a importação de carne bovina in natura entre os países. O acordo vai beneficiar a empresa brasileira, que é a maior produtora de carne bovina do Uruguai e teve todas as suas unidades habilitadas. De acordo com os dados do Departamento de Agricultura dos EUA, o Japão foi o 3º maior importador de carne bovina do mundo em 2018.

A National Beef, que integra a operação da Companhia na América do Norte, já é hoje a principal exportadora de carne resfriada dos Estados Unidos para o mercado japonês. E, com essas novas habilitações, a Marfrig passará também a atender seus clientes via a operação do Uruguai, utilizando-se da estrutura, conhecimento e da equipe comercial com alta experiência, com escritórios em Chicago (EUA) e Tóquio (Japão), informou a empresa.

### **Fuerte alza en el valor de mercado de JBS, Marfrig y BRF**

08/02/19 - por Equipe BeefPoint No que depende dos frigoríficos brasileiros, os investidores não têm do que se queixar neste início de 2019. Impulsionado pela JBS, a maior indústria de proteínas animais do mundo, o valor de mercado das empresas de carnes que compõem o Ibovespa – grupo que também inclui Marfrig e BRF – aumentou R\$ 8,9 bilhões desde o fim de 2018. Juntas, as três empresas valem atualmente R\$ 61,7 bilhões, o que significa um crescimento de 16,9% ante os R\$ 52,8 bilhões do fim de dezembro.

A trajetória positiva não está descolada do ambiente geral, mas as valorizações de JBS e Marfrig são bastante superiores à do Ibovespa. Embalado pela agenda reformista do governo Bolsonaro, o Ibovespa registrou alta de 6,2% no ano até ontem. Os papéis de JBS e Marfrig, por sua vez, subiram 23,6% e 10,4%, respectivamente. As ações da BRF subiram menos (5,8%), mas por causa do tombo de ontem, motivado pela frustração dos investidores com os resultados de seu plano de venda de ativos. O valor de mercado da JBS, cujas ações sobem 46,3% nos últimos 12 meses, chegou a R\$ 39,1 bilhões, o da Marfrig atingiu R\$ 3,7 bilhões e o da BRF alcançou R\$ 18,8 bilhões.

Em geral, as valorizações também teriam sido mais intensas não fosse o banho de água fria de quarta-feira, quando o Ibovespa teve o pior pregão desde a greve de caminhoneiros, caindo mais de 3% em meio aos receios com a forma escolhida pelo governo para encaminhar a reforma da Previdência. A desconfiança também contaminou as ações dos frigoríficos, reduzindo a magnitude da valorização no ano – até terça-feira, a JBS acumulava alta de quase 30% desde dezembro.



De qualquer maneira, a valorização das ações de JBS, Marfrig e BRF foi significativa. De acordo com analistas consultados pelo Valor, a recuperação dos papéis das três empresas reflete a melhora no ciclo de produção de carne de frango no Brasil – dona de Sadia e Perdigão, a BRF é líder nas exportações mundiais dessa proteína – e o excepcional momento para a indústria americana de carne bovina. As margens dos frigoríficos nos Estados Unidos, que em tempos normais ficavam em torno dos 4%, estão mais perto dos 10%.

Nesse caso, a maior beneficiada é a JBS, que disputa a liderança do mercado americano de carne bovina com Tyson Foods e Cargill. Com a compra da National Beef em 2018, a Marfrig também passou a participar da festa americana. O negócio deu à empresa fundada por Marcos Molina o controle do quarto maior frigorífico de carne bovina dos EUA e, de quebra, fez dela a segunda maior empresa do segmento no mundo, atrás apenas da JBS.

A exposição à economia americana tem sido o grande diferencial para os investidores de JBS e Marfrig, ressaltou um analista de um banco brasileiro. “É um momento operacional positivo”, avaliou.

Há também em curso um processo de construção de confiança e reputação – palavras que dificilmente caracterizaram o segmento desde 2007, quando JBS e Marfrig abriram o capital. Mas o fato é que, por diferentes fatores, as empresas agora agradam mais.

Nesse sentido, o caso da JBS é emblemático. A empresa dos irmãos Batista cada vez mais deixa no passado as manchetes policiais. Após a delação premiada de Joesley e Wesley, a JBS vendeu ativos, renegociou dívidas com bancos no Brasil, profissionalizou a gestão e, agora, voltou a preparar o terreno para uma oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) de suas operações internacionais nos Estados Unidos.

No mês passado, Guilherme Cavalcanti, ex-diretor financeiro da Fibria, assumiu a área financeira e de relações com os investidores da JBS com a missão de fazer a abertura de capital na bolsa de Nova York (Nyse). “O IPO tem sido uma das grandes metas da JBS”, ressaltou o analista Leandro Fontanesi, do Bradesco BBI.

A avaliação é que o IPO vai disparar um gatilho, puxando as ações da JBS. Listada nos EUA, a companhia pode ter acesso a recursos mais baratos e fazer valer sua diversificação na comparação com concorrentes como Tyson e Smithfield.

Em relatório divulgado na terça-feira, a agência de classificação de risco Fitch apontou a JBS como a mais diversificada empresa de proteínas animais do mundo, tanto em termos geográficos – a empresa está na América do Norte, Europa, América do Sul e Oceania – como em tipos de proteína (bovinos, frango e suínos).

“[A diversificação ajuda a mitigar riscos relacionados a doenças e restrições comerciais]”, disse Johnny Da Silva, diretor da Fitch, em nota. Não à toa, a Tyson, ainda muito concentrada nos Estados Unidos, vem buscando aquisições no continente asiático. O faturamento anual da JBS nas exportações é de US\$ 14 bilhões, três vezes mais que o da Tyson, apontou a agência de classificação de risco.

Mas, embora o momento seja favorável aos investidores de frigoríficos, o setor não está livre de riscos. “Nessa área, as bombas aparecem do nada”, disse o analista de um banco, lembrando de casos que vão desde a delação premiada dos Batista até embargos comerciais.

Entre as empresas de carnes, a BRF é a mais exposta. A companhia brasileira, que vem sofrendo seguidos golpes desde a Operação Carne Fraca, está no meio de um processo de reestruturação. Além da venda de ativos, que frustrou expectativas, a BRF terá como desafio recuperar a rentabilidade, o que deve demorar.

“O problema não é a dívida, mas o Ebitda. Eles precisariam de um Ebitda de R\$ 4 bilhões para isso”, afirmou um analista. É mais realista pensar em um Ebitda de R\$ 3 bilhões, o que colocaria a alavancagem mais próxima de 4 vezes. Em 30 de setembro de 2018, o índice estava em 6,7 vezes.

Fonte: Valor Econômico.